

NO SACO DAS LINGUAGENS: REFLEXÕES SOBRE UMA PRÁTICA VIVENCIADA

DA SILVA, Janaina Aires¹ – UEPB (CAMPUS VI)

MARTINS, Thaísa Rochelle Pereira² – UEPB (CAMPUS VI)

DA SILVA, Marcelo Medeiros³ - (Orientador)

Resumo

Este artigo é fruto de nossa participação, como bolsista, no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Letras do campus VI da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Considerando-se que o PIBID tem como finalidade valorizar e incentivar a formação inicial e continuada de profissionais do magistério, o presente trabalho traz algumas reflexões sobre uma prática vivenciada a partir de conteúdos previamente determinados pela professora que atua como supervisora do PIBID em uma das escolas da rede pública do município de Monteiro - PB. No caso do presente trabalho, vamos relatar e refletir sobre a nossa atuação durante as aulas em que trabalhamos com o conteúdo “figuras de linguagem”. Considerando as reflexões sobre o ensino de língua materna, realizadas nos últimos anos, utilizamos, para este momento, como embasamento, as orientações teórico-metodológicas propostas por Geraldi (1997), Oliveira (2010) e por Cosson (2006). Por fim, reiteramos que a atuação no PIBID tem contribuindo bastante para a nossa formação como estudantes de Letras e futuros professores, uma vez que tem nos propiciado o contato e o conhecimento da realidade em que, futuramente, vamos atuar, fazendo-nos refletir sobre as práticas desenvolvidas em sala de aula e promovendo, assim, situações que possam acarretar possíveis melhorias no ensino, especialmente de língua materna.

Palavras-chave: Língua Portuguesa; Figuras de Linguagem; Ensino; PIBID; Reflexões.

INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) é um programa que tem como objetivo incentivar e valorizar o processo de formação de docentes para a educação básica. O PIBID oferece bolsas para que os estudantes de licenciatura possam

¹ Graduanda em Letras – Língua Portuguesa E-mail: janaaires@hotmail.com

² Graduanda em Letras – Língua Portuguesa E-mail: thaisarochelle@live.com

³ Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba E-mail: marcelomedeiros_silva@yahoo.com.br

exercer atividades pedagógicas nas escolas da rede pública com a orientação de coordenadores de área e de supervisores. Estes últimos são docentes das escolas onde os bolsistas exercerão as atividades de observação e intervenção. O PIBID contribui, assim, para a associação entre teoria e prática, para aproximar escola e universidade, colocando os graduandos em situações concretas de ensino, fazendo com que estes tenham uma vivência mais significativa com o contexto escolar dentro do qual, futuramente, atuarão como regentes de ensino. O programa promove também uma reflexão acerca do magistério, fazendo com que o graduando pense criticamente sobre o seu papel docente e suas ações no processo de ensino/aprendizagem. Dessa maneira, o PIBID atua na promoção de uma maior qualidade na formação do profissional de ensino, contribuindo para uma melhoria na educação brasileira.

O presente trabalho traz algumas reflexões sobre uma prática vivenciada a partir de um conteúdo previamente determinado pela professora que atua como supervisora do PIBID, em uma das escolas da rede pública do município de Monteiro - PB. Neste trabalho, iremos relatar e refletir sobre a nossa atuação durante as aulas em que trabalhamos com o conteúdo “figuras de linguagem”, bem como sobre os entraves que encontramos para a realização de nossas aulas como havíamos planejado inicialmente.

Para abordarmos o estudo de figuras de linguagem, iniciamos primeiramente a leitura de duas crônicas, partindo do fato que todo e qualquer estudo da linguagem deve ser feito por meio de textos, uma vez que é no texto que a língua se concretiza, isto é, somente a partir de textos são perceptíveis as várias funções e efeitos que a língua pode exercer. Posteriormente, utilizamos algumas músicas para trabalharmos com o conteúdo “figuras de linguagem” de uma maneira mais detalhada.

Ademais, procuraremos também refletir sobre como as experiências vivenciadas no PIBID, até agora, têm contribuído para a nossa formação docente como aluno bolsista do programa. Enfatizaremos os aspectos mais importantes das intervenções e os momentos geradores de reflexões, usando sempre como base alguns autores que apresentam importantes propostas para a educação, sobretudo, para o ensino de Língua Portuguesa. Esperamos com isso que este texto possa contribuir para futuras práticas docentes a serem realizadas em sala de aula.

ALGUMAS REFLEXÕES TEÓRICAS

As reflexões sobre o ensino de língua materna, realizadas nos últimos anos, têm mostrado a necessidade de mudança, de forma que se possa distinguir o que é essencial e o que é acessório em tal ensino e que se deixe claro que ensinar língua materna não é sinônimo de ensinar gramática. Afinal, como afirma GERALDI (1997):

Uma coisa é saber a língua, isto é, dominar as habilidades de uso da língua em situações concretas de interação, entendendo e produzindo enunciados, percebendo as diferentes formas entre uma forma de expressão e outra. Outra coisa é saber analisar uma língua dominando conceitos e metalinguagens a partir dos quais se fala sobre a língua. (GERALDI, 1997, p. 118).

Portanto, há uma enorme diferença entre saber gramática e saber língua, diferença essa que, geralmente, a escola não mostra ao aluno, não deixando, na maioria das vezes, nem um saber útil sobre língua. Muitos professores incorrem no erro em ministrar conteúdos puramente gramaticais, sem o auxílio do objeto da língua: o texto oral ou verbal. Essas práticas geralmente são traduzidas no ensino de regras gramaticais, as quais são explicitadas para os alunos a partir de frases soltas e isoladas, sem sentido efetivo para os alunos.

Para GERALDI (1997), um ensino calcado na valorização do conhecimento e na busca pela produção efetiva de conhecimento e não pela reprodução só é possível se as posições em sala de aula forem transformadas. O professor precisa se colocar não mais como único e verdadeiro transmissor de conhecimentos, mas sim como sujeito mediador de textos, alguém capaz de construir saberes juntamente com o aluno. A sala de aula deve ser vista assim como lugar onde os sujeitos (professor e alunos) compartilham conhecimentos diversos. Essa metodologia, segundo o autor, possibilitaria ao aluno conduzir seu próprio processo de aprendizagem, deixando de ser mero receptor e tornando-se um sujeito ativo na construção do conhecimento. Portanto, é de extrema importância que se adote uma relação interlocutiva no processo de ensino/aprendizagem, uma relação na qual professor e aluno trabalhem juntos na construção de saberes, uma relação que realmente possa contribuir para a formação de um sujeito crítico.

O entrave de se adotar essa postura interlocutiva no ensino, principalmente no que se diz respeito ao ensino de língua, vem de longa data. Para tentar ordenar e disciplinar a aprendizagem, tendo em vista a rápida democratização do ensino, o conhecimento foi sistematizado, o ensino foi resumido a uma mecanização, ao aprendizado de categorias e estruturas. Tudo isso foi refletido no ensino de língua, ou seja, o aspecto formal da linguagem passou a ser privilegiado, o ensino de língua se confundiu com o ensino de gramática. GERALDI (1997) atenta para o fato de que o que se vê na escola é o ensino de um conjunto de regras que são “inculcadas” na mente dos alunos, é o ensino do abstrato, é a mecanização da palavra, é a transmissão de um discurso já formulado. A educação parece, assim, querer “moldar” o ser humano. Segundo o referido autor, isso faz com que o aluno se mostre totalmente indiferente em relação ao ensino, principalmente ao ensino de língua, tido como uma coisa difícil e chata.

Muitos alunos, por confundirem saber língua com dominar a gramática normativa, são levados a pensarem que não sabem Português por não terem conhecimento de todas as regras que regem o sistema linguístico. Todavia, segundo Oliveira (2010), esse é um pensamento totalmente equivocado, pois “as regras que regem o português, embora sejam extremamente complexas, estão internalizadas em todos os brasileiros, o que nos torna capazes de aplicar tais regras em tempo real para construirmos sentenças e interagirmos com outros brasileiros”. (OLIVEIRA, 2010, p. 41).

Por exemplo, no emprego das figuras de linguagem, conteúdo esse ministrado em nossas intervenções, TAVARES (1974) afirma que essas não admitem regras, pois são inerentes ao próprio pensamento. Segundo o referido autor, as figuras têm forte atuação tanto na linguagem erudita como na linguagem coloquial. Na maioria das vezes, usamos sem percebermos algumas expressões que constituem figuras de linguagem. Essas, como erroneamente se pode pensar, não estão presentes apenas no âmbito da literatura, já que também se encontram inseridas no cotidiano das pessoas e em várias outras áreas do saber; até mesmo domínios discursivos bem mais técnicos, os quais requerem uma linguagem mais objetiva, podemos perceber a presença da linguagem figurada.

Voltando ao que falávamos sobre ensino de língua materna, é importante enfatizar aqui que a concepção de língua que o professor adota para si irá influenciar diretamente na sua prática pedagógica:

Ter consciência de qual concepção de língua dá suporte a sua prática tem uma importância muito grande para o professor. E por que é importante decidir sobre qual conceito de língua ele deve adotar? Porque a forma como o professor vê a língua determina a maneira como ele ensina português. Ela tem implicações diretas no planejamento das aulas, na escolha do material didático, na forma de avaliar a produção dos alunos e no reconhecimento dos dialetos trazidos por seus alunos para a sala de aula, por exemplo. (OLIVEIRA, 2010, p. 32).

Para esclarecer bem o conceito de língua, o autor procura contrapor a concepção estruturalista à interacionista. A corrente estruturalista exclui os usos da língua e valoriza apenas as estruturas gramaticais, deixando de lado o sujeito usuário da língua e as variações linguísticas originadas da diversidade de grupos existente, perspectiva essa que ainda serve de aporte para muitas práticas no ensino de língua materna. A adoção dessa concepção estruturalista traz sérias complicações para o ensino de língua, uma vez que a língua é vista aí totalmente desvinculada de sua função social, de sua natureza interlocutiva, aspectos esses que serão levados em conta pela concepção interacionista da linguagem.

Considerando os contextos de produção e de recepção, a concepção interacionista vê a língua como um meio de interação sociocultural, como um meio para o falante atingir determinados objetivos comunicacionais, assim, a língua não deve ser considerada como algo estático, já que sofre diversas alterações de acordo com a realidade social de cada sujeito e com os objetivos da comunicação. Diante de tal concepção de língua(gem), o educador deve orientar seus alunos a desenvolverem recursos linguísticos que os ajudem a interagir nas mais variadas situações sociocomunicativas. É necessário, pois, que o aluno entenda as diferentes funções que uma língua pode exercer a partir dos diversos contextos de produção e, a partir disso, possa usar essa mesma língua para cumprir seus objetivos linguísticos em diferentes situações de comunicação e a partir de textos diversos, sejam eles orais ou escritos.

É, pois, conscientes dessas discussões sobre o ensino de língua materna que os professores precisam procurar desvencilhar-se de práticas tradicionais que contribuem muito pouco para a formação do aluno bem como precisam desenvolver atividades que sejam significativas para a construção de um sujeito crítico, atuante na sociedade por meio dos usos da e na linguagem. A partir dessas reflexões sobre o ensino de língua, procuramos desenvolver nossas intervenções no PIBID, de modo que elas estivessem de acordo com o que realmente se espera do ensino de língua portuguesa com vistas a propiciar uma educação linguística aos alunos que os habilitem a ler e escrever para além dos muros da escola.

DURANTE A SALA DE AULA: PRÁXIS E REFLEXÃO

Como já mencionamos, nossas intervenções na turma do 2º ano B giraram em torno das “figuras de linguagem”, conteúdo esse indicado pela professora-regente da turma. Isso vem a confirmar como os professores são condicionados a seguirem, em um determinado espaço de tempo, ao que é estabelecido pelo cronograma da escola. Dessa forma, muito desses educadores se veem de mãos atadas para procurarem diferentes metodologias para sua prática, uma vez que existem prazos a serem cumpridos. Entretanto, na maioria das vezes, isso acaba se tornando um discurso de comodismo de certos educadores para não buscarem novas metodologias de ensino, continuando a abordar, assim, conteúdos tradicionais de maneira também tradicional. Porém, demonstraremos no presente trabalho que essa imposição de cronograma não se configura como um empecilho para se trabalhar com metodologias diferenciadas da tradicional, a qual, na maioria das vezes, é pouco significativa para o real aprendizado do aluno.

Em um primeiro momento, levamos para sala de aula o texto “A última crônica”, de Fernando Sabino. Antes da leitura efetiva, iniciamos uma discussão sobre uma das temáticas da crônica, aniversários, a fim de que os alunos pudessem interagir, expondo suas experiências e opiniões. Esse momento de debate sobre essa temática do texto, antes mesmo de iniciar a leitura, foi uma importante estratégia de compreensão, uma vez que ativa os conhecimentos prévios dos alunos. Nessa primeira discussão, pôde-se observar que muitos dos alunos se sentiram à vontade para compartilhar suas experiências e anseios sobre uma realidade que faz parte da maioria da vida das pessoas: o próprio aniversário. Nessa ocasião, uma aluna deu seu depoimento, o qual merece ser destacado aqui:

“Meus pais organizaram uma grande festa para mim, como todos os meus amigos e familiares, ganhei ótimos presentes, mas, mesmo assim, não me senti completamente feliz, pois, meus pais haviam se separado recentemente e, para não se encontrarem, apenas minha mãe compareceu na festa. Para mim, o que mais me interessava era ver meus pais unidos naquele momento”.

Posteriormente a essa troca de impressões prévias, solicitamos aos alunos que realizassem uma leitura silenciosa da referida crônica de Fernando Sabino. Logo após, foi realizada uma leitura em voz alta. Em seguida, no momento da discussão oral sobre o texto, mediante perguntas elaboradas previamente, os alunos puderam relacionar o que foi lido com

algumas das realidades compartilhadas anteriormente. Por exemplo, a partir do depoimento de uma aluna, exposto acima, e do aniversário relatado no texto, o qual foi totalmente oposto ao da aluna, os discentes chegaram a afirmar que o mais importante em uma festa de aniversário não era o fato de ela ter muitas pessoas ou grandes presentes, mas, sim, receber o carinho das pessoas mais importantes nessa data tão especial. A partir das mesmas perguntas orais, os alunos foram induzidos a perceberem a presença de figuras de linguagem, antes mesmo de esse conteúdo ser explicitado para eles, como por exemplo, a comparação que o autor faz entre a menininha e um animalzinho, com o objetivo de enfatizar a personalidade dos personagens e de definir a situação norteadora do texto.

Dando continuidade à leitura do gênero *crônica*, em outro momento, levamos para a sala de aula um texto de Armando Nogueira, “Peladas”. Antes de iniciarmos a leitura dessa nova crônica, os alunos foram levados a realizarem inferências a partir do título do texto. A maioria dos alunos disseram que o texto iria tratar de mulheres peladas, já para outros o assunto seria futebol de rua. É importante realizar essa estratégia textual, a da inferência, uma vez que, como afirma OLIVEIRA (2010), cabe ao professor, como mediador, a tarefa de ajudar seus alunos a dominarem estratégias de leitura que lhes sejam úteis para o exercício de compreensão textual. Levar os alunos a explorarem o título, o subtítulo e as imagens de um texto para prever seu conteúdo é importante para conscientizá-los sobre um fator que geralmente esquecem: um texto não é construído necessariamente apenas por palavras, pois pode possuir imagens e cores significativas para a sua compreensão.

No momento de discussão do texto de Armando Nogueira, também realizada oralmente, levamos os alunos a perceberem as estratégias utilizadas pelo autor para humanizar o objeto principal de uma partida de futebol: a bola, usando assim o recurso linguístico da personificação. A partir dessa discussão, os alunos foram induzidos então a perceberem como essa humanização da bola se configurou como o principal elemento de construção de efeito de sentido do texto. Assim, as perguntas geradoras das discussões estavam voltadas para a compreensão global do texto, com o objetivo de identificar as opiniões dos alunos, as impressões que esses tiveram sobre o texto, bem como levá-los a compreenderem os diversos efeitos de sentido construídos a partir da linguagem figurada, os quais foram essenciais para a construção dos sentidos da crônica.

Em um momento posterior, para darmos continuidade ao trabalho com as figuras de linguagem, realizamos inicialmente uma atividade de motivação. Pedimos aos alunos que,

com uma só palavra, definissem alguém de quem eles gostavam e, depois, alguém quem por quem não sentiam apreço. À medida que os discentes foram colocando palavras para descrever determinadas pessoas, fomos percebendo através dos gestos na própria face como eles visualizaram as pessoas, usando expressões que realmente condiziam com os gestos que faziam ao definir cada uma das pessoas solicitadas. Nesse momento, percebemos que os estudantes se envolveram intensamente, já que se tratava de expressar o que sentiam, inclusive não usaram apenas uma palavra para representar as pessoas escolhidas por eles, ao contrário, foram usadas várias expressões. Segundo COSSON (2006), atividades assim despertam a atenção dos alunos para a atividade a ser realizada posteriormente. Para esse autor, a motivação consiste na preparação dos alunos para adentrar aos conteúdos, de forma que esses sejam introduzidos de maneira prazerosa e interativa naquilo que se quer que eles estudem.

Ao término da exposição das imagens criadas pelos alunos, enfatizamos que iniciamos a aula com essa atividade com o objetivo de demonstrar que somos capazes de construir imagens, também, através das palavras, já que muitos pensam que a palavra *imagem* está apenas relacionada à pintura de quadros, fotografias, gravuras, entre outros. Em seguida, foram distribuídas para os alunos algumas letras de músicas. Optamos por trabalhar com músicas porque partimos do fato de que os alunos afirmaram, em aulas anteriores, que gostariam que fosse trabalhado em sala de aula o gênero música. Segundo as OCEM, é preciso pensar em atividades que despertem o gosto dos alunos para que só assim eles sintam-se motivados a realizar outras leituras, outras atividades, a partir daquilo com que eles se identificam.

Além disso, é importante que os alunos tomem conhecimento de que as figuras de linguagem não são apenas um recurso utilizado exclusivamente pela linguagem poética, como coloca alguns livros didáticos e o próprio ensino tradicional, pois como afirma BRANDÃO (1989), as figuras de linguagem mantêm uma relação não só com a literatura, mas praticamente com todos os campos de interesse do homem. Para a realização dessa atividade, dividimos a turma em dez grupos e entregamos uma letra a cada um para que juntos fizessem uma leitura e expusessem o assunto de que as músicas estariam tratando.

No momento de pedirmos aos estudantes que colocassem suas impressões sobre as músicas ressaltamos que, além de eles abordarem do que se tratavam as músicas, também deveriam prestar atenção em algumas expressões que lhes causavam estranheza, porque o uso

de tais termos nesta ou naquela letra de música poderia estar diferente dos usos a que comumente os alunos estavam acostumados. Afirmamos que eles teriam que escrever suas opiniões sobre as músicas e depois expô-las oralmente. Nessa atividade realizada pelos alunos, ficou claro a dificuldade que possuíam de ir mais além do que estava explícito nas letras de músicas, pois muitos ficaram apenas na superficialidade sem conseguirem se ater a algumas expressões importantes de serem analisadas e que nós desejaríamos que eles percebessem, como por exemplo, os efeitos de sentido causados pela presença das várias figuras de linguagem nas letras das músicas. Dentre as músicas que escolhemos para trabalhar com os alunos, estão as seguintes com os respectivos comentários tecidos pelos próprios alunos:

Comida, dos Titãs:

“Que primeiramente a música fala sobre comida, mais outras coisas, que quer fazer amor, prazer, diversão, arte é que quer dinheiro e felicidade, contrariando o velho ditado que pra ser feliz precisa ter dinheiro, que nesta música fala que se deve ter os dois. Ele que a vida por inteira e não pela metade.”

Cidade maravilhosa, de Caetano Veloso:

“Na música aborda que a cidade é maravilhosa, tem berço do samba e lindas canções alegremente que vivem na alma da gente. Todo mundo conhece o Rio de Janeiro como cidade maravilhosa de encantos mil embora que na música não fale o nome da cidade.”

Mentes tão bem, de Zezé di Camargo e Luciano:

“A música trata de um amado que é sempre jurado de “Amor eterno” por sua amada, mas ao contrário do que ela o jura só o fez sofrer, mesmo ele sabendo que ela está mentindo acredita nela pois a ama de verdade. Ela o promete muitas coisas, mas não cumpre nada, e ele apenas vai sentindo o gosto amargo da mentira da amada. Ela o engana tão bem que as vezes ele acha que ela não que enganá-lo, mas ela todas as vezes o contradiz.”

Podemos observar que, dos três comentários das canções referidas acima, feitas pelos grupos, apenas o comentário da Canção nº 2 atendeu ao objetivo do trabalho escolar, que era o de proceder a uma compreensão geral do texto, associada ao recorte de passagens em que se flagrava o jogo de palavras que constroem a significação do texto. Nessas amostragens, podemos perceber a dificuldade que os alunos possuem de fazerem uma leitura que possa ir além do que é exposto na superfície do texto.

Posteriormente, em outro encontro, entregamos aos grupos os comentários feitos por eles na aula anterior para que pudessem expor oralmente para o resto da turma suas

impressões sobre as letras das músicas. Nesse momento de apresentação, alguns alunos se sentiram tão envolvidos com a atividade que chegaram a cantar as letras de músicas para os outros colegas. Conforme os grupos se apresentavam, íamos chamando atenção para a presença de algumas palavras ou expressões presentes nas músicas, as figuras de linguagem, as quais eram usadas pelos cantores com um objetivo de chamar a atenção do público, expressar seus sentimentos e dar um sentido mais conotativo às palavras.

Após os alunos serem induzidos a perceberem a presença da linguagem figurativa nas letras das músicas, enfatizamos que essas expressões linguísticas são chamadas de figuras de linguagem, colocando algumas definições oralmente. Nesse momento, procuramos ao máximo promover a interação em sala de aula, a fim de fazer com que os próprios alunos percebessem os recursos linguísticos utilizados nas músicas a partir de seus conhecimentos prévios.

Após a explicação sobre algumas figuras de linguagem presente nas músicas, para fixar melhor o referido conteúdo, iniciamos uma dinâmica, denominada saco das linguagens. Para a realização dessa dinâmica, colocamos no quadro alguns exemplos e definições de figuras de linguagem sem seus respectivos nomes, esses estavam em um saco do qual pedimos a cada grupo que tirasse um nome de uma das figuras de linguagem e identificasse no quadro em qual definição e exemplo o nome se encaixava.

No momento da identificação das figuras de linguagem no quadro, alguns grupos não conseguiram relacionar os nomes das figuras de linguagem retiradas do saco aos respectivos exemplos e definições. Com isso, outros grupos tiveram a chance de tentar responder, gerando assim um clima de competição salutar, o que motivou os alunos a participarem ativamente da dinâmica. Além disso, colocamos para os alunos que as figuras de linguagem, como eles puderam perceber, não eram algo tão distante da realidade deles, nem tão difícil de reconhecermo-las, pois as utilizamos com muita frequência no nosso cotidiano. Para demonstrarmos isso, citamos também alguns exemplos das vezes em que fazemos uso das figuras em nosso dia a dia, quando, por exemplo, vamos comunicar o falecimento de uma pessoa, ou nos comparamos com outra pessoa, ou somos irônicos, entre outros momentos em que o recurso à linguagem figurada atende aos nossos objetivos comunicacionais.

É importante enfatizar aqui que encontramos vários imprevistos que dificultaram o rendimento de nossas intervenções, tais como: a quantidade de dias sem a realização de nossas intervenções, devido a semanas de jogos, feriados, recesso do período junino;

intervenção da professora supervisora da escola, a qual algumas vezes interferia no desenvolvimento da aula. Dentre esses entraves, o que mais afetou o rendimento de nossas intervenções foi a quantidade de dias sem aula na escola, pois, após dias sem intervirmos, ficava muito difícil voltarmos à sala de aula e darmos continuidade às aulas planejadas, já que, na maioria das vezes, os alunos pouco se lembravam das ações da última aula.

Apesar de poucos alunos terem demonstrado, no momento da dinâmica, que haviam aprendido as definições das figuras de linguagem, acreditamos que a forma como trabalhamos com o referido conteúdo foi positiva. Primeiro, porque se constituiu como uma busca de uma abordagem diferenciada de um conteúdo que é ensinado quase que de maneira mecânica, sem nenhuma reflexão mais acurada sobre a relevância das figuras de linguagem em nosso cotidiano. Segundo, porque mostramos aos alunos que a linguagem figurada não pertence apenas ao âmbito da literatura, isto é, procuramos deixar claro que utilizamos as figuras de linguagem constantemente no nosso dia a dia, já que são recursos usados com o objetivo de dar maior expressividade ao que queremos transmitir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos dizer que o trabalho com o conteúdo figuras de linguagem se diferenciou-se da forma tradicional como ele vem sendo trabalhado, uma vez que abordamos os vários efeitos de sentido que esses elementos linguísticos podem exercer quando inseridos em textos e contextos específicos, não estudando assim a língua destituída de sentido e de real uso. Tomamos também o cuidado de não abordar esses textos como pretexto para o ensino de gramática, como comumente ocorre. Ao contrário, a partir da compreensão global dos textos estudados em sala, procuramos levar os alunos a refletirem sobre os efeitos de sentido que estão por trás de um texto e como as figuras de linguagem podem contribuir para que determinados objetivos comunicacionais sejam alcançados.

Nessas intervenções, foi significativo também o fato de que percebemos uma limitação linguística dos alunos que passamos a procurar sanar nas atividades que se seguiram à relatada neste trabalho: a dificuldade de ir além do texto, de reconhecer seus implícitos, de utilizar, assim, suas habilidades de leitor. Com isso, acreditamos que nosso método de abordagem do conteúdo *figuras de linguagem* foi interessante para começarmos a sanar essa deficiência, já que os alunos foram induzidos a perceberem os vários implícitos

proporcionados por essa linguagem figurativa, como esses elementos da língua contribuem para desvendar os jogos de palavras presentes nos textos e, assim, chegar a sua compreensão global.

Também é importante destacarmos aqui que, ao trabalharmos com o gênero *letra de música*, partimos dos próprios interesses dos alunos, o que se configurou como um meio de fazê-los se sentirem motivados a participarem das aulas e a despertarem certo interesse pelo conteúdo ministrado. É verdade que não conseguimos chamar a atenção de um grande número de alunos para as atividades realizadas em sala, porém, percebemos que alguns alunos conseguiram envolver-se com os textos levados para sala de aula, bem como com a dinâmica realizada a partir do conteúdo trabalhado. Isso pode ser visto como um ponto positivo, considerando que a maioria dos conteúdos gramaticais, por causa de uma metodologia geralmente tradicional, não desperta nos alunos o interesse pelo estudo da língua.

Considerando a nossa participação no PIBID desde o início até o presente momento, podemos perceber que esse tem sido bastante significativo, uma vez que estamos amadurecendo nossas ideias acerca de nossas atuações em sala de aula e acerca da preparação de atividades a serem executadas. Não podemos negar que há ainda algumas dificuldades em selecionar textos e preparar aulas que sejam atrativas para os alunos, mas, com certeza, considerando nossas primeiras atitudes no projeto, hoje já possuímos um pouco mais de autonomia e confiança para prepararmos e executarmos nossos planos de aulas e procurarmos fazer da sala de aula um espaço de ações significativas para nós mesmas, como futuras professoras, mas, sobretudo, para os próprios alunos de maneira que a sala de aula seja um espaço de significativas aprendizagens e experiências com, na e pela linguagem.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Roberto de Oliveira. **As figuras de linguagem**. São Paulo: Ática, 1989.
- BRASIL. Conhecimentos de literatura e de língua portuguesa. In: **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria da Educação Básica, 2006.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- GERALDI, João Wanderley. **No espaço do trabalho discursivo, alternativas**. In: _____. *Portos de passagem*. 4º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisar saber**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

TAVARES, Hênio Último da Cunha. **Teoria literária**. 5.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.